



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UNB PLANALTINA

JHONATTAN HEBER DE SOUZA MACEDO

O COOPERATIVISMO COMO MEIO DE INSERÇÃO SOCIAL DE PRODUTORES FAMILIARES DO
NÚCLEO RURAL RIO PRETO-DF

PLANALTINA – DF
2013

JHONATTAN HEBER DE SOUZA MACEDO

O COOPERATIVISMO COMO MEIO DE INSERÇÃO SOCIAL DE PRODUTORES FAMILIARES DO
NÚCLEO RURAL RIO PRETO-DF

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO
AO CURSO DE GESTÃO DO AGRONEGÓCIO, COMO
REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
BACHAREL EM GESTÃO DO AGRONEGÓCIO.

ORIENTADORA: LUCIANA DE OLIVEIRA MIRANDA GOMES

PLANALTINA – DF

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me proporcionar paz espiritual, para realizar essa trajetória tão importante para minha vida profissional. Por Ele ter me confortado nos momentos de angústia e sofrimento, me trazendo pensamentos positivos e alegres.

Agradeço a minha família, que desde o início, quando, mesmo com dificuldades financeiras me matricularam numa escola particular durante a pré-escola. Porém infelizmente, não foi possível dar continuidade na escola particular, e mesmo assim me apoiaram em todas as atividades, não me deixando relaxar com os estudos. Serei eternamente grato por isto.

Agradeço a minha namorada, que é a minha melhor amiga, minha fiel companheira, e a pessoa que mais me motivou a dar continuidade a este plano de vida, a este curso de graduação. Por ela que tive a inspiração do tema deste TCC.

Agradeço a meus amigos de vida e de curso, que me mantiveram na sociedade, trazendo alegria e vida social, fazendo com que os estudos e as responsabilidades acadêmicas fossem valorizados e aproveitados a todo tempo.

Agradeço a minha orientadora, Professora Luciana. Tenho a honra de ser seu primeiro orientando. Espero ter correspondido com a sua intensa preocupação em me ajudar. Agradeço pelos pronto-atendimentos feitos e pelas respeitadas correções, fazendo reflexões contundentes de “n” assuntos relativos à pesquisa.

Agradeço aos professores da FUP - Faculdade UnB Planaltina, destacando cinco deles: Professor Reinaldo, Professor Carlos Henrique, Professora Janaína, Professora Fernanda e professora Rafaela, quem contribuíram positivamente, seja desde o início da FUP ou quando entraram para o quadro de professores, para melhor valorização de nós, profissionais Gestores do Agronegócio.

Resumo

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi constituído durante o estágio supervisionado obrigatório, na EMATER-DF, que proporcionou, com auxílio da comunidade do Núcleo Rural do Rio Preto, zona rural de Planaltina-DF, a criação da cooperativa Multiflor, que foi objeto de estudo. Tal cooperativa proporcionou um estudo de caso que abrange desde sua formação até as implicações sociais e econômicas advindas de sua criação. Observa-se que o ambiente cooperativista, respaldado de intensas vantagens proporciona aos produtores familiares do Rio Preto-DF, o aumento de produtividade do trabalho, maior diversidade de produção, aumenta as possibilidades de autoabastecimento, permite compras de insumos mais baratos, consegue vender a preço mais justo, consegue condições de crédito especiais, e elimina intermediários, já que quantias maiores permitem a busca em mercados diretos, cria e fortalece laços de amizade, solidariedade social e gera a inserção e a reinserção social. Tem-se, portanto, que o cooperativismo é um meio de inserção social para agricultores/produtores familiares.

Palavras-chave: Cooperativismo, Inserção Social, Produtores Familiares.

Abstract

This Course Conclusion Work was formed during the supervised training required in EMATER-DF, which provided, with the support of the Núcleo Rural do Rio Preto - Planaltina-DF, the creation of Multiflor Cooperative, which was the subject of study. Such cooperative provided a case study that covers from its formation to the social and economic implications arising from its inception. It is observed that the cooperative environment, backed intense advantages gives family farmers of Rio Preto - DF, the increase of labor productivity, greater diversity of production, increases the chances of supply the Institute, allows purchases of cheaper inputs, can sell fair price, get special credit conditions, eliminates intermediaries, since larger amounts allow direct search markets, creates and strengthens bonds of friendship, solidarity and social causes social integration and reintegration. It has, therefore, that the cooperative is a means for social inclusion farmers / family producers.

Keywords: Cooperatives, Social Inclusion, Family Producers.

Sumário

Capítulo 1 – Introdução	6
- Caracterização da Empresa	6
- Dados da Cooperativa Multiflor, o objeto de análise do trabalho:.....	7
- Tema, Assunto ou Situação Problemática	8
- Objetivos	8
Objetivo Geral.....	8
Objetivos Específicos.....	8
- Justificativa	8
Capítulo 2 - Revisão da Literatura	10
– Breve Histórico acerca do Cooperativismo no mundo, no Brasil e no Distrito Federal.....	10
–O Ambiente Cooperativista	12
– A Inserção Social	13
– O Cenário da Agricultura Familiar no Brasil	15
– O Cooperativismo como Meio de Inserção Social de Produtores Familiares.....	16
Capítulo 3 – Aspectos Metodológicos	18
– Metodologia	18
– Método de pesquisa.....	18
– Níveis de pesquisa.....	20
– Instrumentos de Coleta de dados	21
– Constructos e Influências.....	22
– Objeto e Sujeitos do Estudo	22
– O Processo de Amostragem, o Tamanho da Amostra, e seu Perfil.....	23
– Instrumento de Análise de dados	23
Capítulo 4 – Análise dos dados	25
Capítulo 5 – Conclusões	31
Referências	33
Anexos	35
– Roteiro de Entrevista orientada em Grupo Focal	35
– HISTÓRIA DA MULTIFLOR – Cooperativa dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do DF (Recorte Original).....	36

Capítulo 1 – Introdução

O trabalho visa estimular o pensamento crítico acerca da problemática vivida por pequenos produtores familiares, cooperados à Multiflor. Assim, o texto aborda implicações sociais e econômicas advindas do cooperativismo, na Região do Núcleo Rural do Rio Preto-DF.

- Caracterização da Empresa

O estágio foi realizado na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER-DF, localizada no Núcleo Rural do Rio Preto (zona Rural de Planaltina-DF). Esta empresa é responsável por estimular os pequenos produtores, realizando trabalhos de inclusão social, de aplicações e aperfeiçoamento de técnicas e, principalmente, realizando a Extensão Rural.

Sendo assim, tal empresa foi responsável, junto à comunidade local, por criar uma Cooperativa de Produção. Após observar o potencial dos produtores daquela localidade e desenhar um cenário de oportunidade na produção de flores e plantas ornamentais no Distrito Federal, reuniu alguns produtores, que desestimulados pela desleal concorrência dos grandes produtores, estavam em situação de falência. Surge então, a Cooperativa dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do DF – Multiflor.

O trabalho terá como foco de análise a Cooperativa Multiflor.

A Cooperativa Multiflor, formada inicialmente por 20 cooperados, que viviam desestimulados, sem perspectivas de crescimento, marginalizados, boa parte deles com o sentimento de exclusão social, foi uma excelente oportunidade para uma transformação de vida. É importante ressaltar um pouco da história da Cooperativa. Segundo dados da própria Multiflor, em meados de 2008, um grupo de cerca de 20 pessoas, que viviam em situação de angústia por não saber o que produzir (as principais culturas já eram dominadas por grandes produtores), procurou ajuda junto ao órgão do governo local responsável pela Extensão Rural e Assistência Técnica, a EMATER-DF, para uma possível solução para as dificuldades encontradas. A

EMATER, por sua vez, abraçou a causa dos pequenos produtores e junto ao SESCOOP-DF (Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do DF), organizaram ciclos de palestras, de minicursos, de intercâmbios com outros estados, principalmente em Holambra-SP quando decidiram, junto a comunidade local, formar uma Cooperativa de Produção de Flores e Plantas Ornamentais.

Estes pequenos produtores rurais viram uma grande lacuna entre a produção e consumo de flores no DF, onde havia muitos consumidores de flores (a maioria deles importavam de outros estados) e poucos fornecedores, e ainda observaram as condições climáticas e de produção (não exigia tanta tecnologia e maquinários) da localidade para a produção das culturas.

Em Junho de 2009 surge por Assembleia a Cooperativa Multiflor, que com 80% do seu público feminino e com 90% agricultores familiares formaram a primeira cooperativa de produção de flores do centro-oeste. E em 2012 a Cooperativa já contava com 55 cooperados.

- Dados da Cooperativa Multiflor, o objeto de análise do trabalho:

Razão Social: Cooperativa dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do Distrito Federal – MULTIFLOR.

Nome Fantasia: Cooperativa Multiflor

Área de Atuação: A Cooperativa atua na produção de flores e plantas ornamentais, para consumo doméstico e empresarial, paisagismo, decorações em geral e afins.

Inscrição Estadual: 53400009301

Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica: 11.111.202/0001- 27

Endereço: DF-320, Km 10, Núcleo Rural Rio Preto-DF, Galpão da Multiflor

E-mail: multiflor.riopreto@gmail.com

Telefone: 99220257

- Tema, Assunto ou Situação Problemática

Observando o cenário da Cooperativa Multiflor e o que ela proporciona para o desenvolvimento da zona rural do Rio Preto e para as adjacências têm-se que de alguma forma o ambiente cooperativista influencia o meio social de quem o circunda.

De que forma a Cooperativa, ou o ambiente que a circunda, influencia o meio social em que as pessoas estão inseridas?

Dessa problemática surge a ideia de explorar o universo cooperativista, analisando a Cooperativa do Rio Preto com o seguinte tema de trabalho: O Cooperativismo como meio de Inserção Social de Produtores Familiares do Núcleo Rural Rio Preto-DF;

- Objetivos

Objetivo Geral

Proporcionar uma reflexão sobre a importância do Cooperativismo para a inserção social dos produtores familiares.

Objetivos Específicos

- Explanar as principais dificuldades vivenciadas pelos Produtores Familiares do Núcleo Rural do Rio Preto-DF;
- Discutir quais implicações sociais percebidas pelos produtores familiares que cooperam;
- Analisar o conceito e as aplicações o Ambiente Cooperativista proporciona, na ótica da Gestão do Agronegócio.

- Justificativa

Há tempos a agricultura familiar era tida como o ramo dos pobres do campo, que produzem apenas para subsistência, ou seja, eram aqueles produziam e praticavam trocas para sobreviver. Por vezes, eram explorados, marginalizados, excluídos das políticas públicas, enfim, eram cartas fora do baralho do jogo econômico brasileiro. Hoje, muita coisa mudou, os pobres do

campo se tornaram unidos, de válvula de escape a motor da economia nacional, e a agricultura familiar passou a representar cerca de 10% do PIB (Produto Interno Bruto) nacional, segundo o MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) no ano de 2007. Porém, boa parte desses produtores familiares ainda vive desestimulada, excluída e oprimida pelos grandes produtores, que realizam práticas desleais para derrubá-la.

Uma das formas de driblar, minimizar ou até mesmo acabar com a marginalização, com a vida de exploração, com desestímulo, com a exclusão social, é o Cooperativismo. Este é por característica própria, a forma mais popular e garantida de sobrevivência no nebuloso mundo do mercado. O cooperativismo é a forma jurídica de se organizar para a prática da ajuda mútua, da colaboração, da união que, norteado por princípios democráticos e destinados à inclusão social, revive a esperança dos fracos, pequenos, pobres e desfavorecidos produtores familiares.

Tem-se, portanto, uma lacuna, uma oportunidade de transformação, que possivelmente seria preenchida com o cooperativismo, que por si, trás a dita inclusão social. Devido a tais problemas e possíveis soluções escolhe-se o seguinte tema para objeto de análise e estudo: o cooperativismo como meio de inclusão social para produtores familiares do Núcleo Rural do Rio Preto-DF.

Capítulo 2 - Revisão da Literatura

- Breve Histórico acerca do Cooperativismo no mundo, no Brasil e no Distrito Federal

A ajuda mútua, a troca de produtos, as reuniões para compras coletivas, as organizações de grupos para pleitear algo junto a um líder, a união de tribos especializadas para um trabalho ou uma caça comum, e outros tantos, são exemplos de práticas pré-históricas que já se baseavam no espírito cooperativista. Porém na história, a partir do século XVIII, junto a Revolução Industrial, pela revolta da população trabalhadora, que era oprimida, pressionada, mal remunerada, muitas vezes escravizada, as lideranças operárias criaram algumas associações de caráter assistencial (GAWLAK, 2004, p. 17,18).

Começa então a ideia da ajuda mútua, que logo mais resultou na criação da primeira Cooperativa, num bairro da cidade de Rochdale, em Manchester, na Inglaterra, no século XIX. Com 27 tecelões e uma tecelã que, ao passarem por uma difícil situação econômica, (geralmente esta é a situação de quem procura se cooperar) começaram a se reunir para discutir e encontrar, juntos, uma forma de melhorar suas vidas. E no dia 21 de dezembro de 1844 eles criaram uma cooperativa de consumo, a qual se deu o nome de "Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale". Através desta cooperativa os associados tinham acesso à compra de alimentos, sem depender dos grandes comerciantes. Todo o funcionamento era orientado por princípios, que eram assumidos e respeitados por todos os associados. Esses princípios foram tão fortes e tão válidos, que até hoje, passados mais de 150 anos, influenciam todo o movimento cooperativista (GAWLAK, 2004).

Os Cooperativistas são representados internacionalmente pela Aliança Cooperativa Internacional – ACI, que foi fundada em 1895 na Inglaterra e tem sede em Genebra. Segundo o Portal do Cooperativismo, a ACI é constituída como uma associação não governamental e independente, reúne, representa e presta apoio às cooperativas e suas correspondentes organizações, objetiva a integração, autonomia e desenvolvimento do cooperativismo internacional e posteriormente local.

Em 1946 o movimento cooperativista representado pela A.C.I. – Aliança Cooperativa Internacional foi uma das primeiras organizações não governamentais a

ter uma cadeira no Conselho da ONU - Organização das Nações Unidas. A ACI conta com mais de 230 organizações entre seus membros, mais de 100 países, que representam mais de um bilhão de pessoas de todo o mundo. Uma das principais ações da ACI é voltada à promoção de intercâmbios (disseminação de conhecimentos e experiências) de melhores práticas.

No Brasil, segundo o Sistema Cooperativista do Distrito Federal - (SESCOOP), o cooperativismo surgiu por volta de 1610, em época de colônia, quando foram fundadas as primeiras Reduções Jesuítas (modelo catequético de missões evangelizadoras), houve a intenção de criar um Estado em que prevalecesse a ajuda mútua. O modelo de sociedade solidária entre missionários, indígenas e colonizadores visava, em primeiro lugar, o bem-estar do indivíduo e de sua família acima dos interesses econômicos da produção.

O Movimento Cooperativo propriamente dito começou a ser conhecido no Brasil somente por volta de 1841. Em Santa Catarina iniciou-se, quando o imigrante francês Benoit Jules de Mure tentou fundar, na localidade de Palmital (pertencente ao município de São Francisco do Sul e hoje ao município de Garuva), uma colônia de produção e consumo com base nas ideias de seu compatriota Charles Fourier. Em 1847, também o francês Jean Maurice Faivre, sob inspiração de Charles Fourier, fundou nos sertões do Paraná a Colônia Tereza Cristina, que, apesar de sua breve existência, muito contribuiu para o florescimento do ideal cooperativista no país. Principalmente entre as décadas de 50 e 60, o cooperativismo teve relativa expansão no Brasil, estendendo-se a diversos segmentos da sociedade brasileira. Hoje, atua nos mais variados setores da vida nacional, e segundo o SESCOOP, abrange 8% da população brasileira, ou seja, cerca de 7,3 milhões de pessoas são associadas à cooperativa no Brasil (GAWLAK, 2004).

Viveu-se em 2012 o ano internacional das Cooperativas, e no I Congresso Distrital de Cooperativas do DF, ocorrido entre os dias 21 a 23 de novembro, foram abordados vários fatores, dentre eles o potencial brasileiro em atuar como cooperativa, isso pela própria característica Sociocultural do país, que de geração em geração adota os princípios cooperativistas direta e indiretamente.

O Cooperativismo no Distrito Federal, segundo a Revista DF COOPERATIVO (2012), é um dos principais fatores de Desenvolvimento econômico-social da localidade, pois, dos 13 ramos do cooperativismo em atividade no Brasil, 11 estão representados por cooperativas do DF. No DF, as cooperativas agropecuárias

abrigam quase 700 cooperados e são responsáveis pela geração de sustento de 300 famílias. A movimentação financeira gerada por essas cooperativas no DF gira em torno de R\$ 715 milhões anuais, somente no ramo agropecuário.

Segundo a OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) no ano de 2010, o Distrito Federal tinha cerca de 169 cooperativas, abrangendo cerca de 143 mil cooperados e dois mil empregados diretos e indiretos.

A assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1994, concluiu que: *“Os empreendimentos cooperativos propiciam os meios organizacionais a que significativas parcelas da humanidade se habilitem a conduzir, por seus próprios meios, a tarefa de gerar empregos produtivos, diminuir a pobreza e alcançar a integração e a inclusão social”* (MANUAIS PARA CAPACITAÇÃO, 2007, p.18).

- O Ambiente Cooperativista

Há séculos, várias práticas de mercado como fusões, compra e venda parcial e integral, conluíus, oligopólios, monopólios, contratos de cessão, e várias outras, são adotadas pelas empresas como formas de sobreviverem no nebuloso mundo do mercado, boa parte dessas, ilegais. Porém, desde antigamente, como mencionado no tópico anterior, e agora muito mais evidente, novas formas de permanecer no mercado e se desenvolver nele estão sendo utilizadas. Práticas legais, coerentes, democráticas, igualitárias, vêm tomando forma, e como principal exemplo desse tipo de prática, tem-se o Cooperativismo e tudo o que o seu ambiente proporciona. Para esmiuçar o tema, observam-se os princípios que regem o cooperativismo, segundo Gawlak (2004).

O primeiro princípio é o da Adesão Livre e Voluntária, que diz que as pessoas tem liberdade para se cooperarem, salienta ainda que, esta decisão é individualizada e independente de etnia, padrão social, cor, preferências políticas ou credos.

O segundo princípio é o da Gestão Democrática e Livre. Este princípio versa sobre a forma com que a administração da cooperativa será executada, e esta será conforme os interesses dos cooperados. Aqui, os cooperados definem as necessidades e os objetivos a serem seguidos.

O terceiro princípio refere-se à Participação Econômica dos Cooperados. Estes integram o Capital Social da cooperativa, mediante a contribuição das quotas-partes. O princípio faz com que os cooperados se sintam donos da cooperativa, e intimamente responsáveis pelo seu sucesso ou não.

O quarto princípio é o da Autonomia e Independência que versa, também, sobre a gestão da própria, que é autônoma, onde os cooperados a controlam. Não há interferência estatal nas decisões.

O quinto princípio é o da Educação, Formação e Informação. Segundo Gawlak (2004, p.25), “(...) *Este princípio objetiva o Desenvolvimento cultural e profissional do associado e de sua família (...).*”. Este princípio norteará os estudos relacionados a esta pesquisa.

O sexto princípio é o da Cooperação entre Cooperativas, o qual visa que as cooperativas devem se relacionar, se complementar. A integração é a chave do sucesso.

O sétimo e último princípio cooperativista, é o do Interesse pela Comunidade. Tal princípio rege-se pelo fato de que as cooperativas contribuem significativamente para o desenvolvimento da localidade onde ela está inserida, devido à geração de empregos, de produtos, de enraizamento da cultura local, da preservação ambiental, por terem o sentimento de topofilia (amor pelo local), e pela inserção social.

Nota-se, que o ambiente cooperativista é bem definido é um ambiente de autogestão, de contribuição mútua, gestão participativa e democrática, é propício ao desenvolvimento da localidade e de quem o circunda, sejam os próprios cooperados, seja a comunidade local.

- A Inserção Social

O cooperativismo, além de ser um meio para propiciar trabalho e condições de permanência no mercado igualitárias e justas, permite inserir socialmente o cooperado e sua família. Nota-se, pelo breve histórico apontado no início deste trabalho, que pequenos produtores sofriam com a injusta concorrência entre os grandes empresários. Por não terem condições que os pareavam com estes, logo perdiam ou nem conquistavam seu espaço no mercado e no mundo, que estava se globalizando. Tendo em vista o fato de os pequenos produtores não conseguirem se

estabilizar no mercado, acabavam por falir e, portanto, ficavam à margem da sociedade.

Pensando nesta questão, a criação das cooperativas vem proporcionar um meio e uma alternativa para permitir que pequenos produtores tenham seu espaço no mercado, mas, além disso, vem permitir que sejam inseridos socialmente. E isso talvez seja o mais importante resultado dessa cooperação.

O conceito de inserção social ou inclusão social é entendido como a permissão para que o produtor se torne o sujeito de sua produção e de seu trabalho. Sujeito, pois, é aquele que tem importância em todo o conjunto, ou seja, é aquele que age, pensa, reflete sobre sua ação, não é aquele que apenas se coloca como um indivíduo passivo, pois na verdade é um indivíduo ativo/autônomo (FREIRE, 1996).

Quando pequenos produtores se reúnem e formam cooperativas são inseridos socialmente, ou seja, têm a oportunidade de produzirem e de comercializarem seus produtos de forma concorrente aos grandes produtores. E quando isso acontece, os cooperados conseguem adquirir meios para a sua sobrevivência, para a sua permanência no mercado e, portanto, meios para a sua inserção social, tornando-se, reconhecidos e valorizados pelo trabalho que realizam.

Inserir-se socialmente, de acordo com Paulo Freire (1987), é permitir que o indivíduo ultrapasse a condição de oprimido e assuma a função que lhe é sua de direito, a de sujeito, ou seja, a de pessoa que pensa, age e reflete sobre tudo aquilo que está ao seu redor, da pessoa que tem autonomia. Quando o pequeno produtor se reúne em cooperativas e, portanto, insere-se socialmente, quer dizer que o Brasil e o mundo está se desfazendo dos paradigmas da discriminação, pois adquire, comercializa e investe nos produtos dessas cooperativas e, assim, valoriza-as e incentiva-as a permanecer nesse mercado.

Paulo Freire (1996, p.67) afirma, “(...) *Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar (...).*”, ou seja, essa afirmação permite refletir que reunir pequenos produtores em cooperativas é uma das formas de desmistificar os paradigmas da discriminação pela qual agricultores familiares enfrentam quando comercializam seus produtos individualmente e por mais que seja difícil reunir produtores em cooperativas, pois no mundo do atual modelo econômico a sociedade é incentivada ao individualismo, é necessário que internalizem a importância de se cooperarem, já

que essa é uma forma de unirem suas técnicas, seus investimentos e de ratearem os lucros e os prejuízos.

- O Cenário da Agricultura Familiar no Brasil

Segundo Portugal (2004), a Agricultura Familiar é constituída por pequenos e médios produtores e representa a imensa maioria de produtores rurais no Brasil. Segundo o MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), são cerca de 4,5 milhões de estabelecimentos, dos quais 50% estão no Nordeste. O segmento detêm 20% das terras e responde por 30% da produção nacional (MDA, 2007).

Em alguns produtos básicos da dieta do brasileiro como o feijão, arroz, milho, hortaliças, mandioca e pequenos animais, a Agricultura Familiar chega a ser responsável por 60% da produção. Em geral, são agricultores com baixo nível de escolaridade e diversificam os produtos cultivados para diminuir os custos, aumentar a renda e aproveitar as oportunidades de oferta ambiental e disponibilidade de mão de obra (PORTUGAL, 2004).

Os Produtores Familiares são responsáveis por inúmeros empregos no comércio e nos serviços prestados nas pequenas cidades. A melhoria de renda deste segmento por meio de sua maior inserção no mercado tem impacto importante no interior do país e por consequência nas grandes metrópoles (PORTUGAL 2004).

Portugal (2004, p.3) diz ainda que, *a inserção no mercado ou no processo de desenvolvimento depende de tecnologia e condições político-institucionais, representadas por acesso a crédito, informações organizadas, canais de comercialização, transporte, energia, etc.* Estes fatores normalmente tem sido a principal limitante do desenvolvimento da Agricultura Familiar. Embora haja um esforço importante do Governo Federal com programas como o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), programas estaduais de assistência técnica, o associativismo e o cooperativismo há um imenso desafio a percorrer, porém estes são os primeiros passos.

No DF, a agricultura familiar está presente na maior parte das zonas rurais. Segundo a Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Rural – SEAGRI, a Agricultura Familiar sobrevive e se desenvolve através de parcerias com o poder

público, um exemplo é a EMATER-DF, que trabalha constantemente para o desenvolvimento e o fomento à produção. O órgão realiza cursos de treinamento e aperfeiçoamento, faz extensão rural, transfere tecnologias, e outras, ou seja, cuida do pequeno produtor.

O governo do Distrito Federal, juntamente com o Governo Federal, criou vários programas de aquisição de alimentos, de crédito facilitado com juros menores e outros tantos, e isso levou a um salto da produção e à inserção da Agricultura familiar no mercado do DF.

Por fim, pautado nos trabalhos de Schneider (2003), tem-se que a Agricultura familiar é uma forma de saída de uma vida desestimulada e forma de entrada no mercado. Nota-se que não é fácil, e que se o poder público não intervisse, a situação e permanência dos agricultores familiares no mercado seria mínima. Outra saída é a Pluriatividade advinda desse grupo de produtores, que segundo o autor, *refere-se à combinação de uma ou mais formas de renda ou inserção profissional dos membros de uma mesma família*. Isto constitui o Novo Rural brasileiro.

- O Cooperativismo como Meio de Inserção Social de Produtores Familiares

Um dos caminhos que os pequenos produtores, ou produtores familiares, podem escolher é o Cooperativismo. Tal tema é corriqueiro em reuniões com representantes e líderes locais, onde vários problemas são colocados em questão. Geralmente, optam pelo cooperativismo, pois, é a forma mais democrática de unir grandes ou pequenos grupos, principalmente dos marginalizados.

Pautado nos estudos dos professores Paulo Alfredo Schörnadie e Walter Franz, da Universidade Regional de Ijuí –RS (Unijuí), os quais criaram um trabalho intitulado “Movimento Cooperativo: processo de inclusão social de agricultores familiares”, e que relevância muito tem a ver com o presente trabalho. Tem-se que,

O movimento cooperativo é observado pelo contexto histórico e cultural com limiar nas necessidades socioeconômicas das famílias dos agricultores envolvidos. O coletivo estabelecido aponta a viabilidade da agricultura familiar na prática organizacional em cooperativas como fator de inclusão social através da viabilização coletiva do comércio da produção dos agricultores associados às cooperativas (SCHÖRNADIE & FRANZ, 2008, p.1).

Observa-se, portanto, que o cooperativismo é uma forma de inclusão social para agricultores familiares, visto que, a reciprocidade entre os movimentos é orgânica, ou seja, o movimento cooperativo pode servir e serve efetivamente como instrumento organizacional e econômico para o desenvolvimento da agricultura familiar e, esta, com seus atores/sujeitos, os agricultores familiares, contribui na consolidação e construção do movimento cooperativo (SCHÖRNADIE & FRANZ, 2008).

Segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG (1999, p. 11), *a Agricultura familiar só se viabiliza a partir de uma economia solidária, combinada ao uso de novas tecnologias e diversificação dos meios tradicionais de produção. As formas coletivas de produção e comercialização se apresentam como alternativa concreta, através da prática da cooperação, associativismo e parceria.*

Quando agricultores familiares estão cooperados, além de terem sua inserção no mercado, também participam e contribuem para a sua própria mudança social, pois, a partir disso adquirem maior independência e autonomia para realizarem seus objetivos e planos pessoais e familiares.

Capítulo 3 – Aspectos Metodológicos

- Metodologia

A metodologia do presente trabalho será organizada nos seguintes tópicos:

- Método de pesquisa;
- Níveis de pesquisa;
- Instrumentos de coleta de dados;
- Constructos e influências;
- Objeto e sujeitos do estudo;
- O processo de amostragem, o tamanho da amostra e seu perfil e;
- A técnica utilizada para análise dos dados.

– Método de pesquisa

A pesquisa será qualitativa, pois ela é especialmente útil para determinar os porquês e as razões. Assim, tal método de pesquisa é bem recomendado quando se deseja conhecer os fatores que afetam o comportamento humano, como: atitudes, sensações, imagens e motivos. (ACEVEDO, 2009).

A pesquisa terá a característica de processos e categorias para produção da informação na perspectiva da pesquisa qualitativa apoiada na epistemologia qualitativa. Segundo González Rey, o sentido subjetivo e suas diferentes formas de organização e de processualidade estão permanentemente presentes nas diferentes atividades e relações do sujeito que interage, no caso os próprios cooperados, nos diversos espaços e contextos da vida social (GONZALEZ REY, 2010). Segundo o autor,

A representação de algo nunca esgota os sentidos subjetivos presentes em suas manifestações verbais e icônicas, sendo apenas um momento possível de sentido que adquire significação em sua relação com outros momentos e formas de expressão do sujeito ou dos espaços sociais estudados (GONZÁLEZ REY, 2010, p.126).

Ou seja, a proposta de interagir com os sujeitos perpassa uma simples aplicação de questionário, trata-se de um envolvimento indireto, buscando relações, expressões, momentos de particularidades, desabafos, depoimentos, etc.

Para comprovação, análise e observação dos dados o trabalho mesclará técnicas de pesquisa. Segundo Acevedo e Nohara (2009), não é necessário que haja apenas um método, um nível ou um instrumento de coleta de dados, pode-se perfeitamente mesclá-los conforme a necessidade.

O método de pesquisa será o Estudo de Caso e as técnicas/instrumentos a serem utilizados na pesquisa serão: o levantamento bibliográfico, os registros de arquivos públicos e pessoais (da Cooperativa Multiflor), o levantamento, o grupo de foco ou entrevista focalizada e a observação.

O levantamento bibliográfico consiste na busca por pesquisadores renomados ou não, que realizaram pesquisas documentais, artigos, apresentações em congressos e afins, publicados em livros ou revistas científicas. No caso deste trabalho de conclusão, a revisão de literatura abraça a maior parte do levantamento bibliográfico (ACEVEDO, 2009).

Os registros de arquivos e de documentos escritos. Os primeiros utilizam-se de análise de dados coletados anteriormente, talvez para outras finalidades que não o estudo em questão, como dados estatísticos fornecidos por entidades públicas ou contradadas por órgãos públicos. Os segundos referem-se tanto à análise de documentos públicos, quanto à análise de documentos da própria Cooperativa Multiflor, como estatuto, atas de assembleias, resumo de reuniões e outros (ACEVEDO, 2009).

Os levantamentos descritivos caracterizam-se pela coleta de informações entre um grupo de pessoas e pela análise quantitativa dos dados. São utilizados para descobrir incidências relativas, distribuições e inter-relações entre variáveis, neste caso entre a variável cooperar-se e a variável inclusão social. (ACEVEDO, 2009)

A pesquisa de estudo de caso caracteriza-se pela análise em profundidade de um objeto ou um grupo de objetos, que podem ser indivíduos ou organizações. (ACEVEDO E NOHARA, p. 50, 2009). O estudo de caso como estratégia de

pesquisa é um método que compreende o planejamento, as técnicas de coleta de dados e as abordagens de análise dos dados. É uma forma que se preocupa com questões relacionadas ao “como” e “por que”, que focaliza acontecimentos mais atuais e não exige controle sobre eventos comportamentais. Em termos do trabalho em questão, o estudo de caso é um método que fará toda a diferença, pois busca uma análise do contexto socioeconômico e histórico-cultural que a Cooperativa Multiflor proporciona aos que a rodeia. (ACEVEDO, 2009). Para Yin (2005), a estratégia do estudo de caso não é apenas uma ferramenta exploratória preliminar, mas também é perfeitamente utilizável para descrever ou testar hipóteses. (ACEVEDO apud YIN, 2009).

O grupo de foco ou entrevista focalizada é um método que envolve o questionamento verbal e que visa discutir um assunto em questão em profundidade. A discussão é sempre conduzida por um moderador. (ACEVEDO, p 51, 2009). Os entrevistados ou participantes desse grupo de foco, geralmente possuem características sociodemográficas semelhantes. Normalmente, o objetivo é fazer com que o participante revele suas motivações, atitudes, frustrações e sentimentos sobre um fenômeno e por isso incentiva-se que ele fale livremente sobre o tópico em questão. A entrevista com o grupo de cooperados será aberta, no sentido em que eles saberão do que se trata e aonde se quer chegar com aqueles questionamentos, este método é chamado de comunicação não disfarçada ou direta. (ACEVEDO, 2009);

A observação sistemática caracteriza-se pelo registro do comportamento dos sujeitos investigados, realizar-se-á durante quatro meses, no próprio ambiente dos cooperados (dentro da administração da Cooperativa e nas reuniões/assembleias). Este método é denominado sistemático pelo fato de os pesquisadores conhecerem de antemão os aspectos que serão registrados (ACEVEDO, 2009).

– Níveis de pesquisa

A ciência visa explicar e representar a realidade. Para isso ela deve descrever os fenômenos dessa realidade, classificá-los e finalmente explicá-los. Níveis de pesquisa significam qual é a característica da pesquisa. Se ela possui característica descritiva, exploratória ou explicativa (ACEVEDO, 2009).

Este trabalho de conclusão tem por característica a pesquisa explicativa, que tem por finalidade explicar as causas do fenômeno, ou quais fatores contribuem para a sua ocorrência. É importante ressaltar que a explicação de um fenômeno implica, necessariamente, conhecer as relações que permeiam este evento (ACEVEDO apud KERLINGER, 2009). Dessa forma, os diagramas que resumem uma explicação apresentarão constructos e relações entre eles (setas que ligam um constructo a outro), como pode ser visto na figura 1.

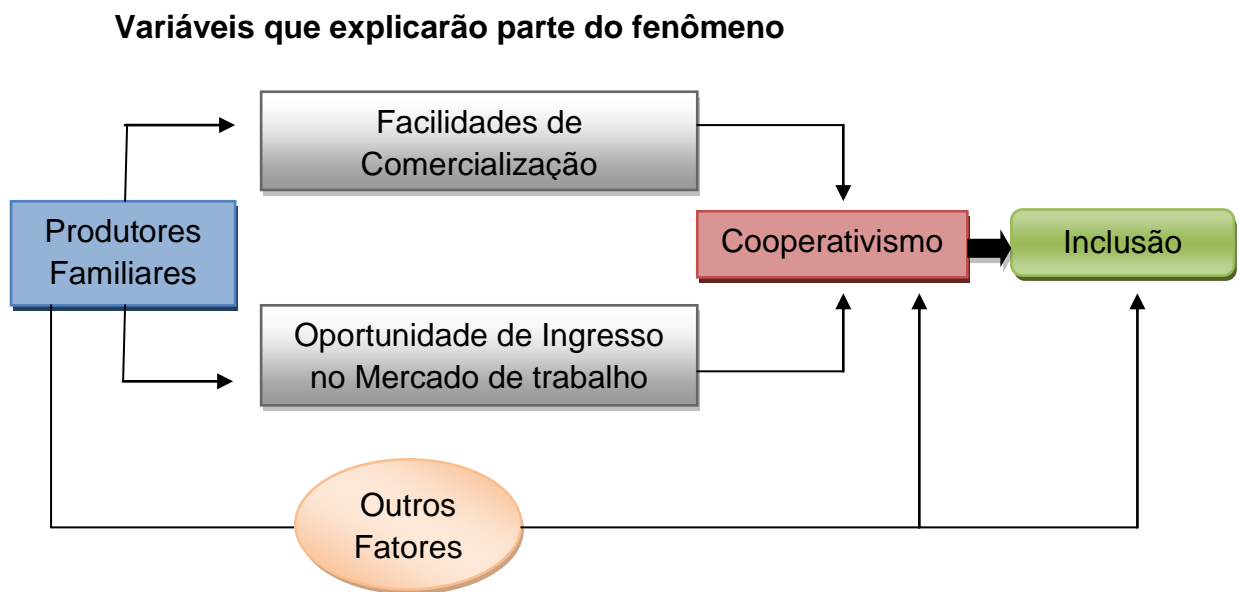


Figura 1 – Diagrama da Pesquisa Explicativa.

Fonte: Elaborado pelo autor

– Instrumentos de Coleta de dados

Um dos instrumentos de coleta de dados é o formulário/questionário onde constam assertivas e as escalas que serão apresentadas aos cooperados, ou os itens que serão observados. No caso da investigação social da cooperativa serão realizados os dois procedimentos, tanto a aplicação das perguntas como a observação sistemática. O instrumento de coleta pode ser mais ou menos estruturado, conforme os métodos adotados (ACEVEDO, 2009).

A pesquisa terá, no entanto, como principal instrumento de coleta de dados a Entrevista com Grupos Focais, que, segundo Boni e Quaresma, é uma técnica de

coleta de dados, que visa estimular os participantes/cooperados a discutir sobre um assunto de interesse comum, tal entrevista é basicamente apresentada como um debate aberto sobre o tema. Os participantes são escolhidos a partir de um determinado grupo cujas ideias e opiniões são do interesse da pesquisa. Esta técnica pode ser utilizada com um grupo de pessoas que já se conhecem previamente ou então com um grupo de pessoas que ainda não se conhecem (BONI & QUARESMA, 2005).

A discussão em grupo se apresenta na forma de reuniões com um pequeno número de informantes, normalmente, de 6 a 8 participantes, no caso da cooperativa foi definido um grupo de seis pessoas, que por motivos de proximidade e facilidade de locomoção foram previamente escolhidos. Geralmente conta com a presença de um moderador que intervém sempre que achar necessário, tentando focalizar e aprofundar a discussão (BONI & QUARESMA, 2009).

– Constructos e Influências

Constructos são abstrações mentais, são sínteses de ideias transmitidas em relações de influências, que são utilizadas para representar a realidade (ACEVEDO, 2009). No caso da pesquisa em questão, trata-se das influências que o meio/ambiente cooperativista proporciona aos pequenos produtores e as formas de inclusão social advindas dele.

– Objeto e Sujeitos do Estudo

Segundo Acevedo e Nohara, *o objeto de estudo consiste no objeto que é foco de análise da investigação. E os Sujeitos, por sua vez, são os indivíduos, que serão entrevistados ou/e observados* (ACEVEDO & NOHARA, p. 57, 2009). Portanto, para exposição e definição do tópico apresentado, tem-se como objeto de estudo, a análise dos fatores que influenciam os pequenos produtores a se cooperarem e os resultados desta cooperação. E como sujeitos do estudo, têm-se os pequenos produtores da região do Núcleo Rural do Rio Preto, que se cooperaram a Cooperativa Multiflor.

– O Processo de Amostragem, o Tamanho da Amostra, e seu Perfil.

Amostra é uma parte da população ou universo. A amostragem, por sua vez, é o processo de colher amostras do universo (ACEVEDO, p. 56, 2009).

Para este Trabalho de Conclusão foi escolhido o seguinte procedimento de amostragem: a Amostragem Não Probabilística, que consiste na seleção de pessoas de acordo com a conveniência do pesquisador. Tal escolha foi tomada devida a vários fatores como, a proximidade com a sede do Núcleo Rural, a facilidade de acesso às chácaras e a disposição dos cooperados em ajudar (ACEVEDO, 2009).

A População do grupo, que no caso, é uma cooperativa é de cinquenta e cinco cooperados, e o tamanho da amostra será de seis cooperados, que representam cerca de 10,9% do público total e que atenderam a todos os requisitos de conveniência. Outro fator importante neste tópico é desenhar o perfil da amostra escolhida. Geralmente, esse perfil é fornecido com base em dados demográficos e socioeconômicos (ACEVEDO, 2009). O perfil desta amostra desenha-se da seguinte forma: os seis cooperados são produtores familiares, localizados na zona rural da Região Administrativa de Planaltina-DF, possuem renda variável, cerca de 80% vinda da própria chácara e com frequentes dificuldades financeiras.

– Instrumento de Análise de dados

Para a análise dos dados será utilizada a técnica da Análise de Conteúdo, que pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (no caso em questão, serão indicadores qualitativos) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (SILVA apud BARDIN, 2005).

Segundo Silva, “(...) o método da análise de conteúdo aparece como uma ferramenta para a compreensão da construção de significado que os atores sociais exteriorizam no discurso (...)”. No estudo em questão tal análise terá total relevância, pois um grupo será levado a exteriorizar suas angústias, suas alegrias, decepções, vitórias, dentre outros sentimentos, visto ainda que, será aplicado num ambiente

externo às lideranças da cooperativa, o que tende a evitar respostas predeterminadas ou coibidas (SILVA *et. al*, 2004).

Ou seja, o processo descrito se refere a uma visão interpretativa da realidade do ponto de vista dos entrevistados. *Esse processo tem predominado na pesquisa qualitativa, seja por critérios da teoria das representações sociais ou da teoria da ação.* Tais teorias buscam a compreensão da realidade do ponto de vista dos entrevistados a partir do discurso declarado pelos mesmos. (SILVA *et. al*, 2004).

Capítulo 4 – Análise dos dados

Para a análise dos dados foi utilizada a técnica da Análise de Conteúdo que, como consta na metodologia, é a um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (no caso em questão, serão indicadores qualitativos) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens, ou seja, o processo descrito se refere a uma visão interpretativa da realidade do ponto de vista dos entrevistados. *Esse processo tem predominado na pesquisa qualitativa, seja por critérios da teoria das representações sociais ou da teoria da ação.* Tais teorias buscam a compreensão da realidade do ponto de vista dos entrevistados a partir do discurso declarado pelos mesmos. (SILVA *et. al* , 2004).

Sendo assim, a análise teve o seguinte formato: após a aplicação da entrevista em grupo focal, formado por seis cooperados, que responderam a seis direcionadas, conduzidas pelo próprio pesquisador. Algumas respostas foram destacadas, com o objetivo erradicar as repetições, que são frequentes neste tipo de pesquisa, e expostas para posterior avaliação.

A primeira pergunta refere-se sobre os motivos que os levaram a se cooperar à Multiflor, observa-se também, que muitos entenderam que neste ponto seria interessante falar as principais dificuldades e oportunidades advindas do cooperativismo, seja pela falta ou pela existência dele. Foram destacadas duas respostas, são elas: *“... divorciei-me do meu marido, pois ele não queria me dar dinheiro, ou se dava era a custo e humilhação, mandava que eu ficasse cuidando da casa. Daí estava muito desmotivada e vi a cooperativa como o meio de oportunidade para mudança na minha vida...”*. (Entrevistada X).

Esta resposta traz uma gama de conceitos envolvidos no contexto socioeconômico e histórico-cultural dos entrevistados, no caso, a entrevistada alegra-se pela real possibilidade de independência financeira feminina, que até hoje é discriminada principalmente na zona rural. A mulher enfrentou dificuldades com relação ao preconceito, à falta de acesso a terra, à falta de políticas públicas destinadas a elas, enfim, ficaram por séculos relegadas ao esquecimento e à discriminação. Hoje, a mulher conquistou algumas vitórias importantíssimas como o

direito ao voto, a equiparação de direitos legais em relação aos homens e, para as mulheres do campo uma política de incentivo chamada PRONAF mulher, que segundo o Ministério de Desenvolvimento Agrário, é uma linha de crédito destinada somente à mulheres do campo. A linha de crédito possui taxas diferenciadas, variando de 1 a 2% ao ano, com possível liberação de até 130 mil reais para serem pagos em até 10 anos. A linha ainda prevê que, se forem mulheres em grupos (no caso, cooperativas) o crédito pode chegar até a 500 mil reais. Outro detalhe importante no contexto da cooperativa, é que após a análise documental, foi diagnosticado que cerca de 80% dos cooperados da Multiflor são compostos por mulheres.

Outra resposta selecionada foi a seguinte: “... *entrei na cooperativa porque ela é muito importante para a venda, para a redução de custo e de atravessadores, e porque ela é o atravessador de nossa confiança...*”. (Entrevistado Y).

Esta resposta mostra um dos fatores mencionados no referencial teórico, que a cooperativa e seu ideal, transcende em relação à comercialização. O comércio, o mercado e a concorrência desleal são barreiras que várias empresas enfrentam, porém para os agricultores familiares essa barreira é mais alta. Em alguns relatos expostos após a resposta do entrevistado Y, foram levantados vários problemas, tais como os seguintes: os grandes produtores de monoculturas unem-se para derrubar, oprimir e desmotivar alguns fornecedores que não se fidelizam a eles. Isso gera desconforto, muitos desses fornecedores vendem suas empresas aos próprios fazendeiros devido a intensas pressões.

Os pequenos produtores perdem muito com isso, porque sozinhos não têm poder de barganha, não tem acesso a negociações que os fornecedores deles tinham, e com isso perdem competitividade, pois tendem a aumentar seus preços, já que acabam tendo que comprar dos fornecedores dos grandes.

Os agricultores familiares do Rio Preto reclamam dos atravessadores, que vem em comboio para comprar a produção deles, a preço baixíssimo, justamente em épocas de dificuldade de venda. Os produtores dizem que seria possível combatê-los se tivessem meios de transporte, ou qualquer meio seguro de aproximação com o consumidor. Eles afirmam que encontraram esse meio seguro na cooperativa, onde eles podem confiar que seus produtos não serão superfaturados e serão

entregues com total zelo aos clientes. A cooperativa além de criar vários canais de comercialização, faz o trabalho logístico também, afirmam.

Na mesma linha de raciocínio foi realizado o segundo questionamento: O cooperativismo realizou mudanças na competição com os grandes agricultores? E como resposta destacada tem-se: “... *com toda certeza a cooperação nos fortaleceu, porque uniu as famílias do Rio Preto para produzir e ter competitividade, além de reforçar os nossos laços de companheirismo e amizade...*”. (Entrevistada R).

Neste ponto é possível ser analisado alguns aspectos de relevância ímpar. A entrevistada afirma que a cooperação reforçou os laços de amizade da região. Os produtores passaram de concorrentes a *membros do mesmo time* com o fim maior de ser feliz, tendo qualidade de vida, alimentando seus filhos, trabalhando, se motivando, e outros. Isto mostra que a união para competir com os grandes está internalizada nos produtores. Tal união representa muito mais do que cooperar para barganhar ou competir, representa reviver laços de convivência, unir comunidades, criar amizades, casamentos, amor local, enfim, gera consequências positivas inestimáveis, assim como resume Gomes e Silva Júnior, em um de seus trabalhos:

O cooperativismo, tal como informa a qualidade política da amizade, também pressupõe um espaço dialogante aberto à experimentação, pois o modo de ser da cooperativa é discutido e determinado coletivamente pelos cooperados em assembleias nas quais todos têm direito a voto – o que requer negociações e acordos num contexto de igualdade política, como ilumina a amizade (Gomes & Silva Júnior, 2007, p. 58).

A pergunta seguinte versa sobre a importância da cooperativa para o retorno/inserção no mercado de trabalho. Foram selecionadas duas respostas para análise, são elas: “... *não foi só a volta, para mim foi a primeira porta que se abriu. Graças a cooperativa, consigo dar dignidade aos meus filhos, e felicidade para mim...*”.(Entrevistada X). Essa afirmação carregada de sentimentalismo e historicidade mostra a possibilidade que a cooperativa proporciona a pessoas que, como ela nunca trabalhou pela falta de oportunidade ou mesmo pelo acúmulo de responsabilidades desde jovem, essa é uma realidade de boa parte das mulheres do campo. É uma forma de inserção social. A exposição termina com o depoimento da entrevistada, a qual afirma que sua felicidade retornou devido a essa oportunidade de trabalho e geração de renda.

Durante a conversa expuseram ainda que, devido à ausência de obrigações de trabalho (não há um horário fixo, registro de frequência), são mais eficientes, visto que a cobrança é partida de dentro, ou seja, da mesma linha hierárquica.

Ainda em relação a esta pergunta, um depoimento selecionado resumiu as perguntas realizadas até aqui: *“... para mim foi um grande resgate. Já estava desmotivada, quase em situação de falência, quando surgiu pelo apoio da EMATER, a iniciativa de criarmos um grupo de ajuda, um grupo de amigos que unidos pela força de vontade, compramos mais barato e podemos competir com preços mais justos...”*. (Entrevistada R).

Vale a pena ressaltar os reais incentivos do governo, como a participação da EMATER, que é um órgão que faz um trabalho de assistência técnica e principalmente de extensão rural, onde vão às propriedades dos agricultores familiares, fazem relatórios de visitas, recomendações técnicas e por trás de toda essa gama de atividades, trabalham com a motivação dos agricultores, mostrando dados verdadeiros e atuais, expondo cenários de mudança nos principais setores do agronegócio brasileiro.

Diante do próximo assunto, acerca da importância da cooperativa para a vida dos produtores familiares destacam-se os seguintes trechos: *“... a cooperativa é minha profissão, meu trabalho, meu principal meio de sustento. Através dela minha renda aumentou em 70%, e pude também, ajudar outros companheiros com técnicas que aprendi em cursos oferecidos pelos órgãos do governo...”*. (Entrevistado Y). No relato o entrevistado, que tem um notável conhecimento empírico sobre gestão e visão empreendedora, diz que a cooperativa, para ele se tornou mais que uma fonte de comercialização, tornou-se sua profissão, ou seja, ele passa a ter responsabilidade direta sobre ela. Ele relata também que sua renda aumentou, pois a cooperativa proporcionou cursos de gestão financeira familiar e da propriedade, e principalmente, porque ele internalizou a importância dele para cooperativa e da cooperativa para ele.

Outra resposta que mereceu destaque foi a seguinte: *“... a cooperativa é um marco, um divisor de águas. Antes era incerteza, agora é chance real de vitória. A cooperativa me trouxe a vida ativa, a felicidade...”*. (Entrevistada X). Onde a

entrevistada, emocionadamente resume a importância da cooperativa em sua vida, demonstrando estar inserida novamente em seu meio social.

Por fim, analisam-se as respostas da sexta pergunta que diz sobre a importância do ambiente cooperativista na visão do produtor familiar. Destaca-se a seguinte resposta: *“O ambiente cooperativo era desconhecido por mim. Graças à EMATER-DF descobrimos o valor do cooperativismo. Hoje, nós, produtores do Rio Preto e demais zonas rurais, temos um local de bom convívio, onde nós nos relacionamos bem, sem brigas entre nós, e com uma união que não sei descrever. Este ambiente, além de tudo isso, ainda barateia nossos custos e podemos baratear nossos preços para disputar no mercado, isso tudo sem perder qualidade e preservando nosso meio ambiente, que é o futuro para os nossos filhos”*. (Entrevistado Y).

A partir da rica resposta do entrevistado, observa-se que o incentivo de políticas públicas atreladas a ações sérias de órgãos do governo, o conceito do cooperativismo se espalha como opção real para fuga de opressões e para a tão sonhada inclusão social. O entrevistado remete um comentário referenciado no Trabalho, onde, observa-se, portanto, que o cooperativismo é uma forma de inclusão social para agricultores familiares, visto que, a reciprocidade entre os movimentos é orgânica, ou seja, o movimento cooperativo pode servir e serve efetivamente como instrumento organizacional e econômico para o desenvolvimento da agricultura familiar e, esta, com seus atores/sujeitos, os próprios agricultores familiares, contribuem na consolidação e construção do movimento cooperativo (SCHÖRNADIE & FRANZ, 2008).

Outro fato importante na resposta do entrevistado é sentimento de topofilia (amor pelo local), que por nascer, crescer, produzir, cooperar e conviver no núcleo rural defende-o de ações desorganizadas, desmatamentos ilegais, queimadas, etc. É um cuidado especial por sua região e por seus companheiros.

Sendo assim, tal análise procurou verificar e internalizar as variáveis descritas na metodologia,

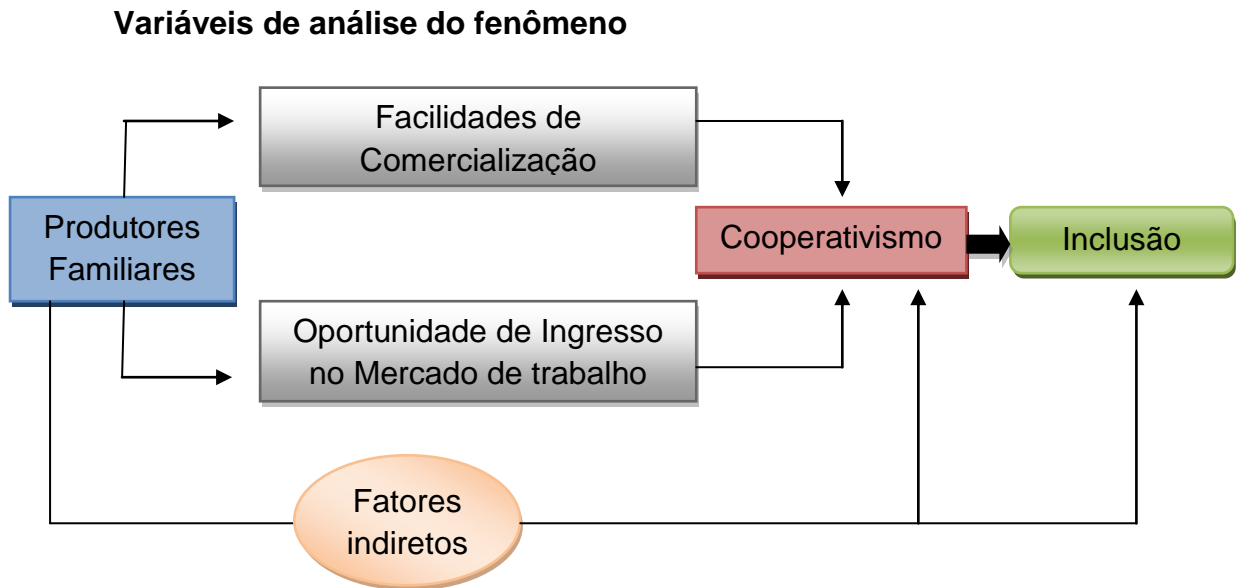


Figura 1 – Diagrama da Pesquisa Explicativa.

Fonte: Elaborado pelo autor

Neste diagrama é possível descrever que os produtores familiares podem ser inseridos/reinseridos na sociedade através de diversos caminhos e atores. Um deles, o mais citado foi o cooperativismo, que além de proporcionar maiores caminhos e canais de comercialização, traz a oportunidade de trabalho e por meios indiretos a realização pessoal.

Capítulo 5 – Conclusões

Após análise dos dados coletados e da reflexão crítica da revisão da literatura do presente Trabalho de Conclusão de Curso, concluí-se que, os produtores familiares do Núcleo Rural do Rio Preto enfrentam intensos desafios por configurarem-se como membros do Agronegócio. Tais produtores são oprimidos por latifundiários, que com práticas muitas vezes desleais os tiram do mercado. Outros desafios de ordem econômica permeiam os agricultores familiares, pela falta de estudos, de informação e de ação.

Através da análise de gestores da iniciativa pública, mais precisamente por gestores da EMATER-DF, surge um ideal, visto por muitos como utópico, porém que mudou a vida de boa parte dos produtores daquela região, o cooperativismo.

O cooperativismo da zona rural de Planaltina mostrou-se como esperança, oportunidade, geração de renda, amizade, trabalho, para os desestimulados produtores familiares dali. Eles observaram as vantagens e desvantagens de se viver num ambiente cooperativista e perceberam quão bom seria para eles se unir, para buscar melhores condições de comercialização e formação de emprego.

Como resultado, viu-se um grande grupo se formar numa área pouco explorada e muito rentável no Distrito Federal, o setor de flores. Deu-se aí uma excelente oportunidade para homens e principalmente para mulheres, que de apenas donas de casa, passaram a ser gestoras de empreendimentos, transformando simples flores em arte, e por consequência em renda para ela e para seus filhos.

Resumidamente, tem-se que o cooperativismo e tudo o que o seu ambiente proporciona é uma forma de união justa e íntegra para a produção otimizada, onde valores econômicos são estabilizados e tem sua relevância respaldada, porém com valores indiretos advindos da cooperação, como os de vínculos de amizade, de realização profissional, de inserção social, de topofilia (amor pela localidade), que, de fato, são mais importantes. O cooperativismo é, por essência e por característica do povo brasileiro, o motor, a receita chave para o solavanco brasileiro, tanto economicamente como histórico-cultural e social.

Graças a Cooperativa Multiflor o Trabalho de Conclusão de Curso pôde ser realizado com clareza e objetividade. Porém muita ainda há de ser feita naquela comunidade e nas zonas rurais em geral, um exemplo disso são as escolas e transporte público, que não chegam com eficiência àquelas regiões.

O gestor do agronegócio cumpre seu papel, também, quando sai de sua rotina acadêmica e vivencia a realidade do campo, quando faz extensão rural, enfim, quando pensa no próximo como oportunidade de ajuda e não de opressão e desrespeito. O espaço para o gestor existe, a carência por um profissional visionário, como estes é cada vez mais essencial, por isso, os alunos do agronegócio devem aproveitar as oportunidades que surgem e abraçá-las, com o propósito de mudança, de quebra de paradigmas sociais, culturais e econômicos.

O cooperativismo gerido com responsabilidade é um meio de solução para muitos pequenos produtores e, talvez, para o setor econômico do Brasil.

Referências

- ACEVEDO, Cláudia Rosa. *Monografia no curso de Administração: guia completo de conteúdo e forma: inclui normas atualizadas da ABNT, TCC, TGI, trabalhos de estágio, MBA, Dissertações, teses/* Cláudia Rosa Acevedo, Juliana Jordan Nohara. – 3.ed. – 2. Reimpr. – São Paulo: Atlas 2009.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, nº01, 2005.
- CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura. *Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável*. Brasília, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo - SP, Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro - RJ, Paz e Terra, 1987.
- GAWLAK, Albino. *Cooperativismo: primeiras lições*. Brasília - DF, SESCOOP, 2004.
- GOMES, Livia G. Nery. & SILVA JÚNIOR, Nelson da. *Sobre a Amizade em tempos de solidão*. Psicologia & Sociedade. São Paulo, 2007.
- GONZALÉZ REY, Fernando. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo, 2010.
- GUILHOTO, J. J. M. ; AZZONI, C. R. ; SILVEIRA F. G. ... [et al.]. *PIB da Agricultura familiar* : Brasil-Estados – Brasília : MDA, 2007.
- MANUAIS PARA CAPACITAÇÃO. *Conselheiros Fiscais*. Curso de Formação, Modulo 1, 2007.
- OLIVEIRA, T. *Cooperativas Contribuem para o Desenvolvimento do Distrito Federal*. Revista DFCOOPERATIVO, Ano 1, Nº 1, p. 3, 2012.
- PORTAL DO COOPERATIVISMO, acessado às 23h41, na data de 3 de janeiro de 2013, através do sítio: <http://www.cooperativismodecredito.com.br/ACI.html>
- PORTUGAL, Alberto Duque. *O Desafio da Agricultura Familiar*. Revista Agroanalys. 2004.
- RECHMANN, A. *Cenários e Desafios para as Cooperativas do Distrito Federal*. Revista DFCOOPERATIVO, Ano 1, Nº 1, p. 3, 2012.
- SCHNEIDER, Sérgio. *Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol.18 nº51, 2003.
- SCHÖNARDIE, Paulo Alfred; FRANTZ, Walter. *Movimento Cooperativo: processo de inclusão social de agricultores familiares*. V Encontro de Pesquisadores Latino-Americanos de Cooperativismo. Ribeirão Preto – SP, 2008.

SILVA, C. R. et al. *O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método*. Organ. rurais agroind., Lavras, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

VEIGA, Sandra Mayrink. *Cooperativismo: uma revolução pacífica em ação*/ Sandra Mayrink Veiga, Isaque Fonseca. Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2001.

Anexos

- Roteiro de Entrevista orientada em Grupo Focal

Questão 1 – Qual/quais foram os motivos que levaram vocês a se cooperarem à Multiflor?

Questão 2 – A Cooperação realizou mudanças na competição com produtores maiores? Se sim, quais?

Questão 3 – Vocês sentem que à Cooperativa foi uma boa porta para o retorno/inserção no mercado de trabalho?

Questão 4 – Qual a importância da Cooperativa em suas vidas?

Questão 5 – O que você acha mais interessante num ambiente cooperativista?

- HISTÓRIA DA MULTIFLOR – Cooperativa dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do DF (Recorte Original)

EMATER DF – Escritório Local Rio Preto

COOPERATIVISMO NA AGRICULTURA FAMILIAR

Considerando o direcionamento do GDF na área agropecuária no qual a Floricultura consta como um dos programas estruturantes, a Emater Rio Preto começou no início de 2008 um trabalho de motivação para o projeto de Floricultura.

Foram realizadas diversas reuniões de dinamização de comunidades apresentando o potencial da floricultura como bom investimento na agricultura.

Entre os participantes das reuniões desde o início se destacaram por seu interesse e disposição os produtores de base familiar, em sua grande maioria mulheres, provavelmente por sentir que esta nova atividade poderia se transformar em sua “tábua de salvação”.



Uma vez definido o grupo de interesse comum a equipe local iniciou uma série de metodologias para continuar com a motivação e confirmar a segurança das pessoas na decisão de iniciar os trabalhos de produção. Entre estas metodologias ressaltamos as excursões técnicas a diversas propriedades produtoras do Distrito Federal e a participação de cinco empreendedores na caravana à Hortitec 2008 em Holambra SP.

O grupo foi assentando as idéias e começando a buscar informações sobre custos de produção, preços de venda, tecnologias adaptadas à pequena produção, etc.

Nesse momento a extensão rural buscou a parceria com o SENAR DF que deu apoio ao grupo ministrando dois cursos de iniciação à floricultura e plantio de forrações.

O escritório local encarregou-se de preparar os custos de produção de plantas nos diversos tipos de embalagens mais utilizadas para a finalidade principal do grupo que inicialmente foi a produção de forrações e flores em vaso.

Nessa época (meados de 2008) a NOVACAP realizou uma doação de mudas, substrato reciclado e saquinhos para confecção de mudas, material que foi distribuído entre as famílias interessadas em iniciar a produção. Também a Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do DF, colaborou transportando alguns caminhões de esterco eqüino doado pelo Batalhão de Cavalaria.

Logo foi realizada a primeira compra de matrizes de forrações com recursos dos produtores e implantados os primeiros plantios para reprodução.

Foi um início um tanto “desarranjado”. Plantas de jardim que eram totalmente podadas e multiplicadas. Composto orgânico produzido em antigas pocilgas sem uso. Viveiros, que em lugar de sombrite, eram cobertos com palhas de coqueiros para fazer a meia sombra. Mudas produzidas debaixo dos pés de Manga, na área da casa, no galinheiro abandonado. Já não mais se queimavam folhas do terreiro: “tudo é para substrato – doutor”.

Estava dado o primeiro passo na floricultura local.

O grupo foi sentindo a necessidade de organização para resolver seus problemas, principalmente a compra de embalagens, substratos, e outros materiais para produção. Apoiados pela extensão rural, foram organizadas as primeiras compras conjuntas o que lhes mostrou a impressionante diferença dos negócios em grupo.

Devia se formalizar alguma organização mais estável. Associação, Cooperativa?

Nesse momento, a parceria entre a o grupo de produção, a EMATER local, e o SESCOOP DF foi decisiva para o grupo.

Foi realizado um Curso de Cooperativismo ministrado por 2 consultores do SESCOOP DF e ao fim do mesmo foi tomada a decisão: o melhor seria uma cooperativa.

A equipe da EMATER Rio Preto, prevendo as necessidades futuras de profissionais de outras áreas, fez a gestão junto à GEDIN conseguindo assim a contratação de uma estagiária da área de Propaganda e Marketing e uma de Informática as quais assessoraram, não somente ao Escritório Local, mas também o grupo de empreendedores de floricultura durante o ano de 2009.

Foi assim que em 17 de Junho de 2009 foi fundada a MULTIFLOR – Cooperativa dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do Distrito Federal com a participação de 20 sócios – 90 % agricultores(as) familiares.

Em 2010, a continuidade da estagiária de Propaganda e Marketing apoiando à cooperativa e a contratação de uma estagiária na área de secretariado, reforçam a administração dos trabalhos.

Desde novembro de 2009 o caminhão fretado visita toda 4ª feira os pólos verdes de Brasília oferecendo os produtos enquanto contratos maiores vem sendo conversados pela diretoria da Multiflor.

Esta pequena cooperativa hoje já dispõe para venda diversas variedades de plantas para forrações, alguns tipos de vasos e cuias floridos, plantas desde as mais simples e baratas como a Onze horas até a sofisticada Rosa do Deserto – rara e de alto valor.

A cooperativa tornou-se o sinal verde para o sucesso dos produtores o qual se manifesta no slogan adotado:

BEM-VINDOS AO FUTURO: COOPERATIVA MULTIFLOR